



COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA: A FESTA 13 DE MAIO NUMA APROXIMAÇÃO SEMIÓTICA DO ESPAÇO

Ms. Izarete da Silva de Oliveira¹

Dr. Elias da Silva²

Dr.^a. Kênia Gonçalves Costa³

Resumo: O presente texto é um relato de experiência vivido na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia -TO, tendo como objetivo apreender os sentidos do espaço vivido referente a preparação da festa 13 de Maio no Festejo da Abolição, antecedendo com a Alvorada da Abolição e culminando na realização do Teatro da Abolição a céu aberto. Esse é um espaço- tempo onde os sujeitos constroem sua identidade quilombola, no fortalecimento das lutas territoriais desta comunidade, num lugar de discurso onde há oposições, *Presenças do Outro* (LANDOWSKI, 2002, 2015), sentidas no inquietante rito num espaço de discurso político, de provocações que questionam os direitos negados como reflexo da colonialidade. Esses ritos (SEGALEN, 2002) têm na música, na dança, e em objetos, assim como no teatro, elementos que marcam um território (i) material, que reivindicam espaços sociais e a saírem da invisibilidade. O uso, como os quilombolas fazem deste lugar, é o que lhe dá sentido ao lugar (TUAN, 2013). Neste caso é relevante o uso da linguagem (FONTANILLE, 2014), por estes, pois, isto é o que constitui a vida em sociedade. A Festa da Abolição como a principal festa que marca a identidade desta comunidade, possui uma historicidade (DA MATA, 1987), advinda dos ancestrais da matriarca, vivida no espaço do quilombo (RATTS, 2006), no cotidiano, na referência ao contexto dos saberes locais suprimidos pela colonialidade (MIGNOLO, 2003), em tempos de globalização. É relevante evidenciar que uma festa organizada em sua maioria por mulheres e sua representatividade na comunidade, como lideranças que vivem este momento um ato

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Estudos em Cultura e Território – PPGCULT. Professora da Rede Básica de Ensino. E-mail: profizareteoliveira2016@gmail.com

² Professor Ajunto da Universidade Federal do Tocantins e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCULT. Universidade Federal do Tocantins-UFT. Campus Araguaína - TO. E-mail: esilvageo@uft.edu.br

³ Professora do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult do Campus de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: keniacost@uft.edu.br



Palavras-chave: Quilombo; Linguagem; Espaço Vivido; Rito.

QUILOMBOLA COMMUNITY OF DONA JUSCELINA: THE MAY 13TH FESTIVAL IN A SEMIOTIC APPROACH OF SPACE

Abstract: This text is an description of experience lived in the Quilombola Dona Juscelina Community in Muricilândia -TO, aiming to seize the meanings of the space lived regarding the preparation for the Celebration of Abolition in May 13th, preceding with the Dawn of the Abolition and culminating in the realization of the Theatre of Abolition in the open air. This is a space-time where the subjects build their quilombola identity, in the strengthening of the territorial disputes of this community, in a place of discourse where there are oppositions, *Presences of the Other* (LANDOWSKI, 2002, 2015), felt in the unsettling rite in a space of political discourse, of provocations that question the denied rights as a reflection of coloniality. These rites (SEGALEN, 2002) have in music, dance, and objects, as well as in theater, elements that mark a territory (i) material, which claim social spaces and come out of invisibility. The use, as the quilombolas make of this place, is what gives sense to the place (TUAN, 2013). In this case, the use of language (FONTANILLE, 2014) is relevant, because this is what constitutes life in society. The Abolition Festival as the main festival that marks the identity of this community, has a historicity (DA MATA, 1987), coming from the ancestors of the matriarch, lived in the quilombo space (RATT, 2006), in daily life, in reference to the context of local knowledge coloniality (MIGNOLO, 2003), in times of globalization. It is relevant to show that a party organized mostly by women and their representativeness in the community, as leaders who live this moment a political act.

Key-words: Quilombo; Language; Living Space; Rite.

COMUNIDAD QUILOMBOLA DONA JUSCELINA: FIESTA DEL 13 DE MAYO EN UN ENFOQUE SEMIÓTICO DEL ESPACIO

Resumen: El presente texto es un relato de una experiencia vivida en la Comunidad Quilombola Dona Juscelina en Muricilândia -TO, con el objetivo de captar los sentidos del espacio vivido con respecto a la preparación de la fiesta del 13 de mayo en la Fiesta de la Abolición, que precede al Amanecer de la Abolición y culmina en el realización del teatro Abolição al aire libre. Este es un espacio-tiempo donde los sujetos construyen su identidad quilombola, en el fortalecimiento de las luchas territoriales de esta comunidad, en un lugar de discurso donde hay oposiciones, *Presencias del Otro* (LANDOWSKI, 2002, 2015), sentidas en el rito perturbador en un espacio de discurso político, de provocaciones que cuestionan los derechos denegados como reflejo de la colonialidad. Estos ritos (SEGALEN, 2002) tienen elementos en la música, la danza y los objetos, así como en el teatro, que marcan un territorio (i)material, que reclaman espacios sociales y salen de la invisibilidad. El uso, como hacen las quilombolas de este lugar, es lo que le da significado al lugar (TUAN, 2013). En este caso, el uso del lenguaje es relevante (FONTANILLE, 2014), por lo tanto, esto es lo que constituye la vida en sociedad. El Festival de la Abolición, como lo festival principal que marca la identidad de esta



comunidad, tiene una historicidad (DA MATA, 1987) proveniente de los antepasados de la matriarca que vivieron en el espacio quilombo (RATTS, 2006), en la vida cotidiana, en referencia al contexto del conocimiento local suprimido por la colonialidad (MIGNOLO, 2003), en tiempos de globalización. Es relevante mostrar que eres un partido organizado principalmente por mujeres y su representación en la comunidad, como líderes que están viviendo este momento como un acto político.

Palabras-clave: Quilombo; Idioma; Vivió el espacio; Rito.

COMMUNAUTÉ QUILOMBOLA DONA JUSCELINA: LE FÊTE 13 MAI DANS UNE APPROCHE SÉMIOLOGIQUE D'ESPACE

Résumé: Ce texte est le récit d'une expérience vécue dans la communauté Quilombola Dona Juscelina de Muricilândia -TO. Il vise à appréhender les sens de l'espace vécu au cours de la fête du 13 mai, qui comprend la Fête de l'Abolition, l'Aube de l'Abolition et se termine par l'ouverture du Théâtre Abolition à ciel ouvert. C'est un espace-temps où les sujets confirment leur identité quilombola, en renforçant les luttes territoriales de cette communauté, dans un processus de résistance politique et culturelle. Pour cela, la recherche mobilise comme subvention théorique les réflexions sémiotiques proposées par Landowski (2002, 2015), pour réfléchir sur la relation des sujets avec le lieu et l'identité, l'espace du discours politique, le déni des droits comme reflet du processus de colonialité. Les rites présentés ici ont des éléments en musique, danse, théâtre et objets qui délimitent les frontières du territoire et agissent contre l'invisibilité. À partir de Tuan (2013), la recherche soutient que l'utilisation faite par les quilombolas font de ce moment ce qui donne un sens au lieu. Le Festival de l'Abolition sert à confirmer stratégiquement l'identité de cette communauté, son historicité et sa mémoire, avec la valorisation des savoirs locaux qui, selon Mignolo (2003), sont détruits par les effets du capitalisme à l'heure de l'mondialisation. Le fête est organisé principalement par des femmes, qui sont devenues des leaders et des protagonistes de cet acte politique.

Mots-clés: Quilombo; Langage; Espace vécu; Rite.

1. INTRODUÇÃO:

1.1 - ALVORADA DO QUILOMBO: ANUNCIAÇÃO DA ABOLIÇÃO!

Iniciamos este item com a citação de Ratts (2006) para quem “[...] A terra é o meu quilombo, o meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou, quando estou eu sou.”- Beatriz Nascimento – (RATTS, 2006,p.59). A noite foi curta. Às quatro horas da manhã os rojões anunciavam que o quilombo estava em festa! Coração saltitando no ritmo dos rojões e das batidas dos tambores: o cortejo da Alvorada da Abolição – a anunciação!



Emocionante ouvir os quilombolas entoarem cantos que denotam o desejo de liberdade, igualdade, de identidade. Reclamam os direitos contidos ainda somente no papel, e dizem que lutas devem ser organizadas e fortalecidas para o alcance destes direitos. O grupo do cortejo estava sendo puxado pela presidente, sua irmã e outras mulheres quilombolas pelas ruas da cidade, além de alguns homens e crianças. Janelas e portas se abriam e muitos seguiam os tambores a tocar cantos como este, num coro único:

Baião das Comunidades
[...] Refrão
Somos gente nova vivendo a união,
somos povos semente de
uma nova nação, ê, ê
Somos gente nova vivendo
o amor,
somos comunidade, povo do senhor, ê, ê
Refrão
Vou convidar os meus irmãos
trabalhadores, Operários,
lavradores, biscateiros e
outros mais, E juntos vamos
celebrar a confiança
Nessa luta de esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê
Refrão
Convido os negros, irmãos
no sangue, na sina Seu
gingado nos ensina a
dança da redenção, De
braços dados, no terreiro
da irmandade
Vamos sambar de verdade enquanto chega a razão, ê, ê
Refrão
Vou convidar a
criança e a juventude
Tocadores, me ajudem,
vamos cantar por aí O
nosso canto vai encher
todo o país:
Velho vai cantar feliz, quem chorou vai ter que rir, ê, ê

O canto anteriormente citado, fala de união, amor, viver em comunidade, um apelo ao respeito e a igualdade. Convida todos os trabalhadores pobres a ter confiança uns nos outros, a lutarem esperançosos pela conquista da terra, meio que irá garantir a segurança alimentar, traz certeza de cidadania e por direitos igualitários, sendo essa a principal bandeira de luta deste quilombo - a conquista de seu território - anseio que guia

o ideal de vida da matriarca. É preciso que crianças e jovens incorporem esta luta.

Assim todos poderão ter motivos para sorrir, principalmente os *Griots*, estes como assevera Souza (2012) são,

[...] os mais antigos ou entre aqueles que funcionam como guardiões da memória mais remota ou ancestral. Esses anciãos são os griots que silenciam seu saberes e crenças ancestrais para salvaguardá-los da discriminação e da repressão a que historicamente são submetidos. Ao mesmo tempo, esses mesmos defensores da memória para fora compartilham com os destinados do grupo (aprendizes de griô) o seu conhecimento e a sua fé para que estes possam levar adiante os costumes e referenciais afro-brasileiros (SOUZA, 2012, p.83).

Desta maneira, são os responsáveis pelas memórias desta comunidade pela importância que possuem e são passadas à juventude quilombola, como forma de resguardar os costumes e as próprias referências. E todos que fazem parte deste cortejo da alvorada dançam e cantam na madrugada. Este momento é a anunciação do marco histórico que atravessa toda a história dos negros em nosso país, de nossa história, e culmina na assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, a qual é cultuada pela matriarca Dona Juscelina como a redentora.

Outro canto que infla o querer estar junto, ter orgulho de ser quilombola, lutar contra as desigualdades tão presentes em nossa sociedade, combater o racismo e o preconceito. Dizer não para as imposições ditas por esta sociedade aristocrática, pela elite, que se incomoda com a presença dos negros nos diferentes espaços sociais, na universidade, na política, nos hospitais, ocupando cargos antes não ocupados por estes. É um canto que evidencia que a abolição ainda não trouxe os direitos que tal lei pressupunha: a liberdade! A rota do cortejo percorre as principais ruas do centro urbano da cidade de Muricilândia, expressão maior da comunidade e retorno para a casa da matriarca. Compreensível o contexto e significado deste ato, composto por: crianças, jovens e idosos, mas principalmente por mulheres, que, sem temor ou receio, com a certeza de que lutar é preciso, aglomeram-se ali em rito de resistência, pelos cantos entoados com toda a força contida no peito.

Ecoa o mais longínquo possível, fazendo com que todo o grupo pareça um único corpo embalado pelo batuque dos tambores, e estouro dos rojões soltos pela presidenta da comunidade, tudo isso ao som das palavras que invadem os ouvidos, pulsando junto com o respirar o ser quilombola.

**Nêgro, Nâgô**

*Eu vou tocar minha viola, eu sou
um negro cantador O negro
canta, deita e rola, lá na senzala
do senhor.*

*Refrão: Dança aí negro
nagô ô, ô, ô, ô (4 vezes) [...]
O negro mora em palafita, não é
culpa dele não senhor A culpa é da
abolição que veio e não o libertou!
[...]*

Nos versos do canto acima é nítida a crítica quanto à realidade que é proposta ao povo negro, a partir da abolição, a qual não trouxe a liberdade em si, não houve democracia racial, como aponta RATTTS (2006.p.108) “[...] se somos parte integrante de uma democracia racial, por que nossas oportunidades sociais são mínimas em comparação como os brancos?” A culpa é da abolição que veio e não libertou! Ao finalizar o cortejo, no retorno à casa da matriarca, saboreia-se farofa com café, num lanche servido a todos.

Algo que deve ser registrado neste momento é quando fui interpelada por um participante da alvorada que é representante político como vereador. Este fez questão de se apresentar como tal e me questionou “se eu agora era negra”, o que me gerou um incômodo profundo. Respondi “Sim, sou negra! Não sou quilombola, mas, luto pelas causas dos quilombolas!”. Indignação que me fez lembrar o fato vivido por Beatriz Nascimento quando foi interpelada por um jovem intelectual branco que estuda “cultura negra”, e afirma ser “mais preto do que ela” como assevera RATTTS (2006),

[...] É um desafio. Este desafio, aceitei-o totalmente a partir do momento em que um intelectual branco me disse que era mais preto do que eu. Foi para mim a afirmação mais mistificadora, mais sofisticada e mais desafiadora. Pensa ele que basta entender ou participar de algumas manifestações culturais para ser preto: outros pensam que quem nos estuda no escravismo nos entendeu historicamente. (Ratts, 2006, p.38).

Este sujeito acredita que estar participando do festejo da abolição o torna negro, um quilombola e ao interpelar-me de tal forma, gerou incômodo, mas não me inibiu de continuar a pesquisa sobre a comunidade, e o sentimento que tenho por esta.

2. QUILOMBO DONA JUSCELINA: LUGAR DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS



Amanheceu tudo muito silencioso! Sair em companhia da Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro e Quilombola – NEAQ, Ludimila Carvalho Santos e seu irmão, João Neto, este de cinco anos de idade, para observar a vivência na comunidade quilombola no ritmo do dia, em torno do evento da festa 13 de Maio, levou-nos à reflexão desse espaço vivido em seus diversos regimes.

No trajeto à busca pela história, fomos ao cemitério local, um lugar, um território simbólico marcado pela disputa de valor histórico, de famílias tradicionais, de importância política, da representatividade de liderança na comunidade e, portanto, relativo a classes sociais, encontramos a lápide de um dos mais importantes pioneiros na construção da história desta cidade: o Sr. João Paulino. Liderança primordial para a tomada de importantes decisões que prevalecem até os dias atuais, principalmente quanto à infraestrutura da comunidade.

Também está lá, a lápide da senhora Antônia Barros, beata que liderou o grupo de romeiros vindo da região de Filadélfia, guiando a romaria pelo viés da fé através de visões que esta tinha do Padre Cícero, os orientando até a região onde encontrariam terra fértil e água para poderem se fixar e constituírem como seu lugar, que seria as Bandeiras Verdes.

Segundo informações dadas por Ludimila, a senhora. Antônia Barros não queria ser enterrada neste cemitério, contudo sua lápide está lá, localizada debaixo da copa de uma árvore frondosa de nome “Axixá”, árvore que fornece além de uma sombra acolhedora, sementes que são utilizadas como alimento.

Observando o cemitério, este com acesso à rodovia TO-222. Existem lápides que deixam evidente a diferença religiosa entre a Igreja Católica e as Evangélicas, como a presença ou não da cruz, evidenciando a qual religião congregava. Abordamos sobre os conflitos presentes na realidade da comunidade de cunho religioso, pois há quilombolas que congregam em igrejas evangélicas e são interpelados a não participarem dos ritos de identidade quilombola, enquanto não podem negar sua raça, sua cor, suas origens, suas raízes, sua ancestralidade.

Decerto há um conflito marcado pela fé, pela identidade e cultura, que perpassa as condições históricas, sociais e políticas. Neste contexto compreende-se a importância de espreitar o momento da apresentação do teatro da abolição por ocasião da festa. Ao retornarmos, percebemos que o espaço em frente ao palco já estava sendo modificado.

A ornamentação como organizada no tronco (figura 01 p. 07) em frente à casa da matriarca. Símbolo que nos remete às lembranças dos castigos cruéis a que negros e negros escravizados eram submetidos permanentemente. Há também talhado neste a data de início da comemoração do dia da abolição nesta comunidade quilombola: treze de maio de mil novecentos e sessenta e dois.

Figura 01: tronco do açoitamento



Fonte: OLIVEIRA, 2017.

É compreensível que qualquer um que não seja quilombola desta comunidade ou outro que seja de fora, não entenda o significado destas manifestações. Contudo, o ápice do dia é o momento em que os negros escravizados vivem o sentimento de liberdade, mesmo que não na sua totalidade, quando é anunciado o ato da Lei Áurea.

Assim, ao meio dia, o almoço foi servido na Associação da Comunidade, no recinto da casa da matriarca. As refeições são postas numa mesa grande, em tachos que são grandes panelas utilizadas para servi-las para muitas pessoas. Notamos que há bastante agitação na casa da Associação e seus arredores; a presidenta e outras pessoas, em ritmo acelerado, concluía a ornamentação, observando os mínimos detalhes e a partir das quinze horas daria o início da celebração que se realiza, na celebração do culto ecumênico, pautado na cultura religiosa e identitário.



A matriarca mesmo com mobilidade limitada, sentada numa cadeira na porta de sua casa, observa todo o movimento. Tudo aquilo a enchia de orgulho, era um dia de alegria, dia de satisfação e manifestação, o que deixa cada vez mais a certeza que a luta não acabou. Em seu semblante carregado de serenidade havia um sorriso que deixava transparecer sua força como liderança, sua significância como matriarca da comunidade.

Agora na cozinha, onde se serviam o alimento, se alimenta a identidade quilombola. Crianças, jovens e mulheres pintam-se na cozinha (figura 02, pág. 08) utilizam uma mistura feita de carvão amassado com óleo de cozinhar. Esta relação da pintura corporal utilizando o carvão são práticas oriundas das primeiras festas. Tradição mantida pela matriarca ressaltando a memória de seu Tio Claro Preto do Saco.

Figura 02: pintura com carvão e óleo



Fonte: OLIVEIRA, 2017.

A única filha da matriarca, Dona Quita, acompanha o ritual da festa da abolição desde a juventude, esta ajuda jovens quilombolas a se pintarem. Por um momento tentamos entender porque usam a pintura, porque não realizam a encenação teatral sem esta prática. Nas narrativas locais consta que já tentaram mudar tal tradição, mas, devido ao fato de que foi passada para Dona Juscelina por seu tio a missão da Festa da Abolição, a pintura se mantém. Tal ato é um ato político de enfrentamento. E não se discute sobre o caso, respeita-se.

A pintura no corpo é um legado que é passado de geração a geração pela Matriarca Dona Juscelina, neta de cativa e relembra como foi construída a história do



povo negro e as imposições por estes sofridas. É um instrumento que ecoa a força da luta deste povo, por direitos ainda não conquistados. Como assevera a quilombola,

[...] É também fruto do brutal embaquecimento imposto ao nosso povo, nós pintamos pra representar o negro antes da miscigenação, é mostrar nossas raízes africanas antes da exploração europeia. Além de brincar com a tinta que nós mesmos produzimos [...] (Ludimila Carvalho Santos, depoimento cedido em 10 de março de 2020)

Portanto, uma prática que é tradicional e peculiar a esta comunidade e mantido nas manifestações atuais. Deste modo, é uma forma de expor a não aceitação da colonialidade e de reafirmação da identidade negra. Na rua há meninos já pintados (figura 03. pág, 10) na concentração, reunidos próximo ao palco. Sorriem e brincam, na expectativa do início do ritual. Pensar sobre o ritual da pintura composta de carvão e óleo: ambos subprodutos do coco babaçu, fruto usado no extrativismo que alimenta e faz parte do modo de vida da comunidade.

Figura 03: meninos quilombolas pintados



Fonte: OLIVEIRA, 2017.

Assim, o lúdico e a cultura: uma forma de construir a identidade. Evidencia também que o povo negro escravizado vivia sob o domínio da colonização, e o carvão simboliza de forma latente a colonialidade neste ritual. Nisto, amparamo-nos no que afirma SEGALEN (2002), definindo os ritos como:

[...] um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. O uso do ritual é paralelo ao aparecimento da humanidade. (Segalen, 2002, p.



Entendendo que cada grupo, neste caso, a comunidade tradicional quilombola, tem este evento como específico que lhes dá unicidade. Assim, compreende-se que quando um rito ou ritual, bem executado, este não é apenas uma representação teatral, pois, está clivada de elementos e símbolos que evocam a própria cultura e as crenças dos envolvidos como um todo amalgamado na própria identidade.

Como assevera DaMatta (1987), os símbolos que compõe toda uma simbologia são o que traduz a grandeza das manifestações da cultura, digna de uma referência por si só. Este autor, explica que alguns aspectos banais da vida social transformados em símbolos retratam uma dada realidade sociocultural, sendo necessário entender os ritos e rituais, representando uma ligação do passado com o presente, dadas as formas culturais e suas manifestações, mediadas pela língua e símbolos.

Enfim, tudo pronto! A ornamentação está perfeita! Entendendo, como afirma Hammad (2017. p.01) [...] que o espaço não ganha seu sentido senão em função do uso que dele é feito, do fazer que nele se desenvolve [...] e, neste caso, este espaço é repleto de sentidos para os quilombolas.

Em formato de um círculo, o espaço (figura 04, p. 11) onde ocorre a encenação da abolição, está composto por objetos feitos de palha de coco de babaçu, como: esteiras, abanos, utensílios domésticos que ainda são utilizados por quilombolas e que representa o ritmo da lida na terra.

Figura 04: cenário do teatro da abolição



Fonte: OLIVEIRA, 2017.



Encontramos uma panela de ferro num fogão de “trempes”, nome dado ao fogão que se utiliza de três pedras de formato triangular, tendo o fogo à lenha, assim como a cabaça e o pote de barro. O elemento mais importante, que agrega valor cultural, histórico e é importante elemento simbólico que marca a identidade quilombola, é o pilão (figura 05, pág. 12) e a mão de pilão!

Figura 05: o pilão e o quilombo



Fonte: OLIVEIRA, 2017.

Todos estes símbolos representados pelos objetos, eventos, atos, formações linguísticas que trazem diversos significados, rememoram emoções e incitam as pessoas a agirem, e desta maneira, à construção e à preservação simbólica num legado à formação da identidade desta comunidade quilombola.

Elementos que configuram o território aberto, dominado pelas quebradeiras de coco e marcado por conflitos entre o agronegócio e a economia de subsistência ou o extrativismo, o trator e o machado, o latifundiário e a quebradeira de coco. Tão visível à disparidade entre a força da mulher quebradeira de coco e o homem latifundiário. Deste modo, o pilão em seu conjunto instrumental, tido como os maiores símbolos da vida de um quilombo em seu território.

Numa aproximação a Fontanille (2014, p.3), “[...] reportado ao conceito semiótico de semiosfera, o território seria uma versão figurativamente determinada (espaço, tempo, atores), e apreendida do ponto de vista de seu potencial de transformações em processo [...]”. É possível notar também a presença de um feixe de



cana de açúcar entre cofos, que não está lá sem um sentido: Faz parte dos acessórios usados no teatro como fez parte da história da escravidão no Brasil, nos engenhos de açúcar, entre o doce da cana e o amargo do cativo.

Figura 06: culto ecumênico



Fonte: OLIVEIRA, 2017.

Ao lado direito do palco está organizada uma tenda, onde é realizado o culto ecumênico (figura 06, pág. 11) com início a partir das quinze horas. Começa a celebração, com a participação de uma pastora que é quilombola, juntamente com um padre e irmãs de caridade da igreja católica! É visível que não há presença de representantes de religião de matriz africana. Contudo, estão presentes os *griots*, ao lado da matriarca Dona Juscelina.

Dada por encerrada a celebração do culto ecumênico, iniciam-se as providências para o teatro a céu aberto, o “Teatro da Abolição”. As luzes da cidade se acendem, dando um brilho especial aquele momento. A emoção pulsa no mesmo ritmo da respiração.

3. TEATRO DA ABOLIÇÃO: INSTRUMENTO DE LUTA E IDENTIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA

Para este momento, os atores do teatro são definidos conforme deve ser a forma mais aproximada deste marco histórico, sempre após consulta a Dona Juscelina, esta determina quem será a princesa Izabel (sempre uma jovem branca da comunidade) e outros membros da família real, o capataz, o senhor de engenho e os negros escravizados (estes sempre com o corpo pintado de carvão e óleo) reforçando e mantendo a tradição



de seu Tio Claro Preto do Saco. Tudo isto mostra a potência e força que a matriarca tem, nas decisões da manutenção desta manifestação cultural peculiar a esta comunidade.

A representação deste ritual é para além da celebração da abolição da escravidão: pois, anterior ao teatro ocorre à alvorada para anunciar a liberdade. A Matriarca revive os momentos dolorosos da escravidão para enaltecer a liberdade conquistada pelo povo negro. Desta forma, também reforça na Comunidade Quilombola Dona Juscelina que a luta é necessária, e a vitória chegará, com a conquista do território ancestral.

O público acomoda-se de forma para que possa acompanhar cada ato atentamente. Todos com sua atenção voltada para o espaço do teatro. Dá-se início ao teatro! A primeira cena apresenta um momento da vivência de uma família de negros escravizados nas fazendas de cana-de-açúcar nos engenhos.

Representação de como é a relação do senhor de engenho com o negro escravizado, interpelado pelo capataz na sua função de castigar a bel prazer os negros e negros, escravizados, estando na ponta do chicote o ódio e aversão ao negro, flui, tomando posse de um poder que diminui, massacra, oprime o Outro, mas que não extingue o desejo de liberdade, o espírito de organização e articulação para que possa alcançar o desejo de ser livre, à própria vida.

Os atores representam uma família de negros escravizados compostas por: mãe, pai, filhos e sogra; um capataz, um senhor dono do engenho; e a família real composta por: um príncipe, uma princesa, um rei e uma rainha; além dos figurantes que compõem o conjunto. É emocionante!

Mãe: Eu, meu marido e meus filhos, todo dia sai para o engenho cortar cana o dia inteiro! Todo dia cedo sai para ao canavial cortar cana o dia inteiro! E carregar tora para o engenho, com fome, com sede! Pois o nosso alimento é apanhar de chibatas, pancadas e empurrões!

Em seguida um dos filhos faz um apelo ao pai:

Filho: Papai, vamos embora desta fazenda! Nós sofre demais, pai! Pelo amor de Deus, vamos embora dessa fazenda!

O pai responde com muito pesar:

Pai: Não podemos sair dessa fazenda porque nosso alimento é aqui! Se nós fugir, vamo passar mal! Se o dono do engenho pegar nós, vamo apanhar mais. Pega sua mamãe e leva pra senzala que eu vou trabalhar pra nós sustentar vocês!

Este começa a “pilar”⁴ grãos. Enquanto isto o capataz, presunçoso, aparece fiscalizando o trabalho do escravo, contorcendo a chibata e falando as

⁴ Pilar, termo popular utilizado pelos quilombolas que vem da palavra pilão e é o ato de moer grãos usando a mão de pilão no pilão utilizando se a força braçal.



seguintes expressões com tom ameaçador:

Capataz: *Eu detesto nêgo, rapaz! Nunca gostei de nêgo!*

Trabaia nêgo! *Grita bem próximo de seu ouvido. [...]*

Rei: *Minha filha, vou ter que me ausentar por alguns dias e você ficará no meu lugar, dará ordem a todos. Toda autoridade que tenho você terá.*

Princesa: *Sim, meu pai!*

Capataz: *Nêgo tem que apanhar mesmo! Todo nêgo é vagabundo! Toma nêgo!*

Nêgo tem que trabaia! Nêgo tem que sofrer! Todo nêgo é assim! Cês afasta se não vão tomar também suas negas!

Escravo: *Ai, ai!*

Gritos de dor são ecoados pelo escravo que está sendo açoitado!

Rainha: *Filha, chega de tanto sofrimento! Eles estão sofrendo demais, tenho certeza disto!*

Princesa: *Mas o que é que está acontecendo aqui? Pra que tanto sofrimento?*

Esta questiona ao patrão e ao capataz.

Patrão: *Esse nêgo tá me desobedecendo, não quer trabaia! [...]*

Num tom de superioridade que mesmo diante da princesa não porta como um súdito!

Princesa: *O negro é gente como o Outro!*

Em tom impositivo e alto responde ao capataz.

Patrão: *Eu não quero saber, vai cuidar dos seus afazeres, que desses negos*

quem cuida sou eu! Alterando mais ainda o tom da fala. Neste instante o

capataz impõe com mais força ainda mais chibatadas no escravo que já

desfalece de tanto apanhar. [...] Princesa: *Chega de tanto sofrimento! O negro*

é gente como outro! Eu Princesa Izabel declaro extinto a escravidão no Brasil!

A partir de hoje vocês estão livres! [...] Princesa: *Podem festejar! Liberdade a*

vocês.

Rojões estouraram para anunciar que começou a grande festa: a Festa da Abolição! Notamos que a equipe técnica com toda a atenção acompanha o uso com qualidade dos equipamentos tecnológicos para uma excelente apresentação. Os atores incorporam cada um seu papel, representando com seriedade, para que se possa lançar uma fagulha de como era a vida do escravo durante a escravidão, período que durou mais de trezentos anos, especificamente trezentos e doze anos.

Todo movimento executado pelos atores entra pelos olhos de todos os presentes, arremetendo à ancestralidade do povo africano, à própria ancestralidade dos negros escravizados africanos no Brasil, num reviver de sentimento de revolta, impotência, injustiça, que se intensificam no desejo de liberdade do povo negro, ainda não plena até o presente. No olhar, nas expressões das pessoas presentes, múltiplos significados, o que nos permite refletir e imaginar o que estão sentindo e compreendido tudo ali.

Certamente todos os cinco sentidos são mobilizados naquele momento. A visão, ao ver todo o contexto do teatro, a audição que permite ouvir as expressões, os clamores, lamúrias, mesmo sendo uma representação cênica, o olfato ao sentir o cheiro que fica



naquela atmosfera, uma mistura de suor, lágrimas, terra, da noite descendo no compasso dos atos, o paladar ao sentir o gosto ferruginoso, amargo do que foi a escravidão, através da diáspora forçada, registrada na escrita histórica da negritude do povo brasileiro.

Sentir esse lugar, viver esse momento, por intermédio do poder cognitivo dos sentidos, é construir a realidade através da experiência. É através desse experienciar que se apreende como a identidade quilombola é produzida. Nesse sentido amparamo-nos em Tuan (2013, p 18), para quem [...] um dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade [...] construída na experiência de criação de sentimento e pensamento. Somente o presenciar o período em que ocorre a preparação e finalmente, assistir o teatro da abolição, torna possível apreender a importância da Festa 13 de Maio para a Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Ato nítido da expressão da superioridade imposta ao povo escravizado da África à colonialidade europeia.

Entende-se a colonialidade como a dominação exercida pela Europa, pautada na diferença colonial. Diferença colonial afirmada por Mignolo (2003. p. 10) onde [...] elucida que é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempo do planeta [...]. O pensamento permite-nos debruçar o olhar sobre a cena onde, a mãe se joga para cima da chibata, tentando tomá-la da mão do capataz para que seu filho não seja chicoteado.

Nos arredores do castelo, o rei conversa com sua filha Princesa Izabel, sobre a necessidade de viajar e a ordena para ficar no poder, responsável por todo o reino. Ouve-se choro, gritos de dor vindo da senzala! Repete-se continuamente o açoitamento! O castigo que não se justifica, pois é sem motivo, sem crime que tenha sido cometido; a dor de uma mãe que presencia a cena. Os sentimentos vividos são inexplicáveis! A impotência vivida! Enquanto a princesa se aproxima do local onde está acontecendo toda aquela crueldade, é interpelada pela rainha para que possa ter alguma atitude para acabar com aquela situação.

Enquanto o Brasil foi governado por uma jovem mulher, não existia mais a escravidão no mundo, prática que colocava o Brasil como país atrasado perante os outros. A Princesa Izabel reúne o conselho e assina a Lei Áurea. Esta se dirige à senzala com os documentos em mãos (foto 07, pág. 15) e exclama a abolição da escravidão para

que todos os presentes possam ouvir e entender o acontecimento.

Figura 07: pronunciamento da Lei Áurea e abolição da escravidão



Fonte: OLIVEIRA, 2017.

Este que inegavelmente institui o início da marginalização do povo negro, que ao receber a abolição, não é libertado das amarras que o prendem na exclusão social, e o prendem ao racismo, ao preconceito, ao ciclo contínuo de estigmatização. Liberdade que veio por meio das mãos de uma princesa e História que é escrita pela mão do homem branco.

Toda a senzala se transforma em festa! Em êxtase! Um momento tão esperado, o anúncio da abolição, um anseio que leva tantos negros a enfrentar o sistema escravista, na morte de muitos, mortes não em vão no ato final, mas que não finaliza as lutas por melhores condições de vida com dignidade para o povo negro brasileiro.

Já é noite quando finaliza toda a encenação do teatro, muitos choraram, torceram, aplaudiram, emocionaram. Podemos dizer que este é o espaço experimentado do movimento dos corpos com as mais diversas sensações. Esta festa é marco indelével da comunidade, alimenta uma energia através dos movimentos do corpo, do sorriso, do ritmo da música tocada, dos tambores, em um único corpo.

É o fenômeno do ser quilombola de maior força deste quilombo! Todos dançam alegremente, sem inibições! Uma oportunidade de compreender o que os dá identidade, a cultura que os constitui, o liame que transcende o dia treze de maio de 1888! Data que deve ser lembrada e que não propiciou a liberdade em si do povo negro escravizado brasileiro. Todos os quilombolas guiados pela voz e pela forte presença da matriarca entoam os cantos de liberdade que vangloriam a Princesa Izabel, quando esta assina a



Lei Áurea:

*Quando no dia
13 de maio
Preto não é
malacaio Preto
não tem mais
senhor*

*Desde o dia que a
princesa assinou A Lei
Áurea seguiu a abolição
Preto teve o direito de
ser cidadão
Hoje o preto pode ser doutor, deputado
e senador Não há mais preconceito de
cor*

*Parará, parará, parará,
parará, Parará, parará,
parará, parará,*

*Às quatro horas da tarde a
rainha assinou Na casa do
presidente
Na sala do promotor*

*Oh, de manhã Oh de manhã
Oh de manhã,
Às quatro horas da tarde a
rainha assinou Na casa do
presidente
Na sala do promotor
Oh, de
manhã
Oh de manhã Oh de manhã*

A letra da música evidencia o sentimento de liberdade! Dançam livremente, pois a prática da dança de suas origens, momento em que podem por um instante sentir-se na sua terra mãe, a África, nas senzalas aqui no Brasil, era proibida pelos senhores. O que é ser livre é vivido com toda intensidade! Agora um cidadão de direitos. Mas, que direitos são estes? Os que são ditos garantidos?

Para Santos (2006.p.214) [...] o mundo ganha sentido por ser um objeto comum, alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produziremos a alteridade e a comunicação [...]. Semioticamente pensando o sujeito à medida que se constroem, constroem suas identidades, surgem diferenças, e tais diferenças são ávidas de olhares isentas de preconceitos. [...] Vista desse ângulo, a problemática da identidade não se origina somente de uma lógica da diferença e do descontínuo; ela pede, sobretudo,



o desenvolvimento de uma semiótica do contínuo, do ‘devir’ ou, como se diz às vezes hoje, da instabilidade [...] (LANDOWSKI, 2002, p. 29).

Após a dança, segundo as orientações do organizador, Professor Manuel Filho, forma-se dois pelotões. Compostos pelos atores que fazem parte do Teatro da Abolição! Atores pintados de carvão, assim como os que tocam os tambores e outros instrumentos musicais, a solicitação para que não se toque nas pessoas, para não gerar desorganização. Forma-se outro pelotão composto por: quilombolas e demais participantes, professores da universidade, pesquisadores, acadêmicos, quilombolas de outros quilombos e pessoas da comunidade não quilombolas.

O ponto final do Cortejo do Rebolado é na casa da matriarca, onde tem prosseguimento o evento cultural. Realiza-se a apresentação do grupo Afro-quizomba que é deste quilombo e do grupo Lindô mirim do quilombo de Cocalinho. Na sequência, o show da banda Corvos, da própria comunidade. Todos se envolvem pela música, quilombolas e não quilombolas, reflexo do hibridismo cultural. Da convivência com a cidade!

Nesta comunidade quilombola, a princesa é tida como redentora ou até mesmo santa, na visão da matriarca Dona Juscelina. A mesma relata que seus ancestrais viveram o período de cativos e conseguir a liberdade era um desejo de todos e uma luta constante. Nas narrativas da matriarca é recorrente que a notícia da abolição da escravidão veio por meio de um telegrama entregue ao seu tio Claro Preto do Saco, fato que festejaram por três dias originando o Festejo da Abolição, presente até os dias atuais

4. EM SÍNTESE: VIVÊNCIAS E ESCREVIVÊNCIAS NO QUILOMBO

Emocionante tudo que aconteceu durante o dia! Durante o cortejo, é como se todas as entidades estivessem comemorando juntas, olhando, cuidando, guiando os quilombolas! Fomos agraciados com uma chuva que caiu suavemente! Dançamos, cantamos, agradecemos! Notamos que o percurso do cortejo do Rebolado foi o mesmo realizado pela alvorada da abolição, nas principais ruas de Muricilândia-TO até a casa da matriarca.

Vimos que a leitura realizada, não fez consideração ou conotação a um gênero textual único, pois está imbrincado nesta complexidade, a conjunção opondo-se à disjunção. Onde os sujeitos e objetos se inter-relacionaram em conjunção, realçando as



paixões, o que os identificaram, que os alimentaram e os fizeram agir impulsionado por este sentir, o sentir quilombola, notadamente visualizado nos fragmentos apreendidos, nas figuras, no canto, nas falas, na dança e no teatro, enfim, na linguagem.

Sentimos que a relação dos actantes com o lugar, ou entre sujeitos, não está destituída de valor e todo este saber, sentimentos e percepção são capturados pela semiótica através da narratividade, entendendo que esta é composta por um estágio inicial, onde ocorre a transformação ou desenvolvimento alcançado num estado final.

Desta maneira, podemos afirmar que todos os que estiveram presentes à Festa da Abolição, o fizeram em conjunção com o evento, deste modo à performance do Teatro da Abolição, marcado pela preparação para o ato em si, para fazê-lo, visualizado nas figuras no decorrer do texto, evidencia [...] diferentes posições passionais, saindo de estados de tensão e disforia para estados de relaxamento e euforia ou vice-versa [...] (BARROS, 1994, p.47). Neste caso considera-se o entusiasmo como elemento fundador que intensifica a conjunção entre os actantes no espaço onde ocorre a Festa da Abolição. No contexto da Festa da Abolição a personalidade histórica da princesa Isabel faz presente e fortemente destacada pela matriarca da comunidade, pois, seguindo a tradição a ela destinada pelo seu tio Claro Preto do Saco, sem a princesa não haveria liberdade.

Desta forma, a partir das leituras sobre escravidão e relações étnicos-raciais entendemos que a figura acima citada não discutiu a abolição nem mesmo colaborou para uma real liberdade da população negra brasileira.

Contudo, para a matriarca, uma liderança com mais de 90 anos, a tradição e a memória são fundamentais para a manutenção do rito realizado na região norte do Brasil, no portal da Amazônia Legal, aonde, a narrativa que se chegou foi da libertadora, “a redentora”.

Há outros interlocutores da comunidade contribuindo para a reflexão a cerca do tema, por meio do Seminário de Cultura Afrobrasileira e Quilombola que se realiza antecedendo ao teatro. Desta forma ressignificando os conceitos e acontecimentos históricos referentes à Festa da Abolição e seu contexto. Desta forma a colonialidade do poder se intersecciona geracionalmente: jovens e adultos (seminário) com a tradição e a memória dos griots.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1994.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FONTANILLE, Jacques. *Territoire: du lieu à la forma de vie, Actes Sémitiques* [Online]. 2014, n° 117. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/pdf/5239>. Documento gerado em 30/06/2014. (Tradução livre Luiza Helena Oliveira da Silva)

HAMMAD, Manar; ARANGO, Sylvia; DE KUYPER, Eric; POPPE, Emile. HAMMAD, Manar et al. *O espaço do seminário*. Entre Letras, v. 7, n.2, p.28-59, fev. 2017. (Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva)

LANDOWSKI, E. *Regimes de espaço*. Galáxia (São Paulo, Online), n.29, p. 10-27, jun. 2015.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MIGNOLO, W. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003.

Misticismo e conhecimento. *Nagôs ou Anagôs*. Disponível em: misticismo-conhecimento.blogspot.com/2016/03/candomblenacoes.html acessado em 20 de julho de 2017.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial (SP) e Instituto Kuanza, 2006.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: razão técnica e emoção*. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio Janeiro: FGV, 2002.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. *Quilombos: identidade e história*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Recebido 17/02/2020

Aprovado em 30/03/2020